



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LAIZA PEREIRA DE ASSIS

**A FORMAÇÃO DO LEITOR: PERSPECTIVAS DE PRÁTICAS NA AÇÃO
DOCENTE.**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2019**

LAIZA PEREIRA DE ASSIS

**A FORMAÇÃO DO LEITOR: PERSPECTIVAS DE PRÁTICAS NA AÇÃO
DOCENTE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Ensino, Linguística e Literatura.

Orientadora: Prof^a. Me. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A848f Assis, Laiza Pereira de.

A formação do leitor: perspectivas de práticas na ação docente [manuscrito] / Laiza Pereira de Assis. - 2019.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.

"Orientação : Prof. Me. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Leitura. 2. Professor. 3. Leitor. 4. Docência. I. Título

21. ed. CDD 418.4

LAIZA PEREIRA DE ASSIS

A FORMAÇÃO DO LEITOR: PERSPECTIVAS DE PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Ensino, Linguística e Literatura.

Aprovada em: 18/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida
ORIENTADORA: Prof^a. Me. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida
UEPB/CCHA/DLH - CAMPUS IV

Jane Sinara Clementino de Andrade
EXAMINADORA: Prof^a. Esp. Jane Sinara Clementino de Andrade
UEPB/CCHA/DLH - CAMPUS IV

Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas
EXAMINADORA: Prof^a. Me. Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas
UEPB/CCHA/DLH - CAMPUS IV

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e depois aos meus filhos Livia e Gustavo. Não tenho como começar esse item se não por eles, que foram minha força inspiradora para o término desse curso, onde vivi momentos difíceis de muita luta, porém, por amor a vocês, meus filhos, eu consegui chegar até o fim.

Agradeço ao meu esposo Leomar Maia por sempre acreditar em mim, por todo amor, paciência, incentivo e apoio. Eu não tinha conseguido sem você.

À minha mãe Lúcia, que é meu maior exemplo de força, determinação e coragem. Quem sempre me ensinou que os estudos é o melhor caminho a seguir.

A meu pai Josivan (*in memorian*) que sempre foi meu maior incentivador, e me fez valorizar os estudos.

A todas as minhas amigas, ou melhor, “Azinimigas” Kalem, Milla, Patrícia, Rosângela, Sinthya, Roseane e Soraia que estiveram comigo durante todo o curso. Vocês foram essenciais nessa jornada, por inúmeras vezes, pensei em desistir e em vocês encontrei apoio e coragem para continuar. Estarão para sempre no meu coração. Não posso finalizar sem agradecer ao meu amigo de infância Felipe por todo companheirismo e incentivo, você é um ser iluminado.

Por fim, agradeço ao apoio de todos os meus amigos que não mediram esforços para me ajudar a concluir esse curso. Posso dizer que Débora Saldanha foi meu braço forte, pois cuidava dos meus pequenos enquanto eu saía cedo em busca desse sonho. Que Deus sempre te abençoe, minha grande amiga.

E mais uma vez: Obrigada, meu DEUS!

“É preciso que a leitura seja um ato de amor.”

PAULO FREIRE.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo refletir acerca do papel do professor no trabalho com a leitura entendendo que esta prática está intimamente interligada às vivências sociais dos sujeitos. Desta forma, a escola precisa compreender o processo a fim de possibilitar o contato com a multiplicidade de textos que circulam socialmente, possibilitando ao aluno uma reflexão sobre práticas reais de uso da língua. É uma temática relevante porque discutimos questões contemporâneas que abrangem sobre o letramento enquanto aspecto primordial para o desenvolvimento da leitura crítica. Através da pesquisa de referencial teórico que teve como autores Freire (2000); Kleiman (2004); Lajolo (1996) dentre outros autores que consideram a leitura ferramenta imprescindível para o desenvolvimento crítico do aluno foi possível perceber que o trabalho com a leitura necessita fazer sentido para o sujeito, razão que aponta para o desenvolvimento de metodologias capazes de ocasionar o diálogo leitor/texto, contribuindo assim para que o ato de ler tenha significado prático para o educando.

Palavras-Chave: Leitura. Professor. Leitor.

ABSTRACT

The present study aimed to reflect on the role of the teacher in the process of reading acquisition in the initial grades, understanding that the practice of reading is closely intertwined with the social experiences of the subjects, so that the school should be aware of this aspect in order of making possible the contact with the multiplicity of texts that circulate socially. It is a relevant theme because it sought to reflect contemporary discussions that cover the question of literacy as a primordial aspect for the development of critical reading. Through the research of theoretical reference that had as authors Freire (2000); Kleiman (2004); Lajolo (1996), among others, it was possible to perceive that the work with reading needs to make sense for the subject, a reason that points to the development of methodologies capable of causing the reader / text dialogue, thus contributing to the reading practical for the student already in the first years of school.

Keywords: Reading. Teacher. Reader.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 O ato de ler e sua prática na escola	11
2.1.1 O letramento	14
3 O ESPAÇO DA LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR	18
4 A FORMAÇÃO DO LEITOR	21
4.1 O papel do professor no estímulo à leitura.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

A prática da leitura é antes de tudo uma ação social que exige dos sujeitos o estabelecimento de relações entre seu conhecimento de mundo e o que está expresso no texto, é, portanto, um diálogo que deve contribuir para a participação social dos sujeitos.

Dentro dessa perspectiva, a escola desempenha um papel primordial ao trabalho com a leitura, por ser um lugar em que o conhecimento circula e por ter em seu meio, uma multiplicidade de atores que contribuem para o dinamismo e a pluralidade de ideias.

Partindo desse entendimento, torna-se relevante perceber como o processo de formação dos leitores encontra ecos no sistema escolar e de que forma acontece esse processo, visto que o trabalho com a leitura deve acontecer de diversas possibilidades de letramento; indo além da decodificação das palavras. É necessário, portanto, fornecer meios para que o ato de ler se consolide de forma significativa.

Nesse sentido, é preciso que a ação didática consiga desenvolver meios capazes de garantir o acesso à leitura, sendo este um ambiente primordial para o contato com os diferentes textos que circulam socialmente. Para tanto, o papel do professor ganha ainda mais relevância na medida em que se torna um mediador de saberes e como tal, necessita refletir constantemente sobre suas práticas.

Dentro desses entendimentos, o presente artigo tem como objetivo principal, refletir acerca das possibilidades de formação de leitores procurando entender como o trabalho com a leitura contribui para a construção de um leitor crítico e qual o papel do professor nesse processo.

É um estudo relevante, porque contribui para a reflexão docente, avaliando suas práticas enquanto mediador de conhecimento, reconhecendo que a leitura é uma prática social que dialoga intensamente com a vivência do leitor, construindo sentidos para o hábito de ler e assim, precisa figurar no cotidiano da sala de aula.

Assim sendo, o estudo utilizou como procedimentos metodológicos, a pesquisa bibliográfica, buscando fontes e teorias de autores como: Coelho, Paulo Freire, Kleiman, Koch, Elias e Souza que analisam o espaço da leitura no contexto didático,

compreendendo a prática pedagógica como um aspecto essencial na formação do leitor, razão que amplifica ainda mais o debate em torno da temática.

Dessa forma, a pesquisa apresenta esclarecimentos sobre o dinamismo presente no ato de ler, entendendo ser este um processo dinâmico e plural no qual leitor e texto interagem mediados pelo texto, uma vez que o sujeito que lê desenvolve diferentes habilidades de viver e atuar socialmente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ato de ler e sua prática na escola

A leitura, enquanto espaço de formação sociocultural dos sujeitos, é um ato dialógico em que o leitor estabelece com o texto suas visões de mundo e acumula experiências que amplificam sua forma de perceber a realidade a sua volta, construindo, assim, caminhos de percepção valiosos já nos primeiros anos escolares.

É uma ação que vai além da decodificação de signos, pois ao iniciar o processo de leitura, os sujeitos começam a estabelecer relações de sentido que apontam para uma interação não só cognitiva, mas também social. É um momento cultural que abre novas possibilidades de aprendizagem, razão pela qual o uso da leitura se configura como uma estratégia didática primordial ao espaço da sala de aula.

Para Kleimam (2003), toda leitura é única em decorrência da atribuição de significados que ocorre de acordo com o horizonte de experiência e expectativa de cada um, o que configura o ato de ler em um espaço de interação contínua com desdobramentos múltiplos.

É através da leitura que as trocas de informações se dão num espaço diverso de diálogo, razão que leva ao entendimento de que mesmo sem dominar os códigos escritos, os sujeitos desenvolvem leituras de mundo a seu modo, contemplando vivências e consolidando suas percepções de mundo e de realidade.

Para Freire (2000), essa leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da formação de conceitos que o sujeito leitor apreende de tudo o que acontece a sua volta, é um diálogo capaz de ampliar visões e formar personalidades. Partindo desse entendimento, é possível entender que a prática da leitura é acompanhada da compreensão cultural que o sujeito tem de tudo que o cerca. É um processo contínuo de relações que contribuem para uma construção permanente de significados.

Assim sendo, é através do contato com diferentes textos que o leitor se torna capaz de enxergar adiante novas possibilidades de entendimento, despertando assim uma complexidade de sensações valiosas para a formação crítica do sujeito.

Neste contexto, Coelho (2000) enaltece:

No ato da leitura, através do literário, dá-se o conhecimento da consciência de mundo ali presente. Assimilada pelo leitor, ela começa a atuar em seu espírito (e conforme o caso dinamizá-lo no sentido de certa transformação...). Mas, para que essa importante assimilação se cumpra, é necessário que a leitura consiga estabelecer entre o sujeito que lê e o objeto que é o livro lido. Só assim o conhecimento da obra se fará e sua leitura se transformará naquela aventura espiritual...

É importante perceber que o ato de ler é mais que essencial a aprendizagem. Possibilita o conhecimento crítico diante da realidade, nesse caso, a leitura literária é uma estratégia de ensino valiosa.

Nesse sentido, a prática da leitura é um intenso processo da interação entre texto e leitor que não se esgota ao final do que vai sendo lido. É um ato social que sacraliza múltiplos significados, mas para que isso seja possível, torna-se necessário que o sujeito leitor se perceba como participante dessa interação, realidade que descortina a relevância do uso da leitura em todos os momentos vivenciados na sala de aula.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) a leitura é um trabalho de interação relevante que não se limita à decodificação, porque exige do leitor aproximações de sentidos para que possa entender o que leu:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso desses procedimentos que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc. (BRASIL, 1998, p. 41).

Partindo dessa compreensão a leitura aciona toda uma gama de inferências usadas pelo leitor, construindo, assim, uma relação de entendimentos capazes de ocasionar nos sujeitos um crescimento cognitivo e social das suas possibilidades de observação, de forma que possam consolidar ou até mesmo substituir seus conceitos, é um momento único de diálogos preciosos à formação crítica.

É na prática da leitura que o sujeito leitor aprofunda suas formas de se perceber em diferentes contextos porque amplia suas informações, criando e reconhecendo seu lugar enquanto sujeito social.

Paulo Freire (1982), enaltece:

Ler é adentrar nos textos, compreendendo-os na sua relação dialética com os seus contextos e o nosso contexto. O contexto do escritor e o contexto do leitor. Ao ler, eu preciso estar informando-me do contexto social, político e ideológico, histórico do autor. Eu tenho de situar o autor num determinado tempo (...) quando eu leio um autor eu preciso ir me inteirando do contexto dele, em que aquele texto se constituiu. Mas agora eu preciso também de um outro esforço: como relacionar o texto com meu contexto. O meu contexto histórico, social, político não é o do autor. O que eu preciso é ter clara esta relação entre contexto do autor e do leitor.

É essa aproximação leitor/autor que favorece e amplia as trocas de experiências e consolida o ato de ler em um ato também político à medida em que essas informações dão forma a um diálogo entre contextos, as inferências, as atribuições feitas pelo leitor são aspectos primordiais para que a atribuição de significados se constitua em uma ação de aprendizados, de forma que a construção de entendimentos passa pelo mundo da cultura construído pelo sujeito leitor.

É nesse sentido que o ato de ler deve proporcionar uma leitura do cotidiano de forma que possa oportunizar à pessoa que lê o reconhecimento do contexto social ao qual está inserido, realizando um diálogo permanente com a visão crítica.

Para que esse aspecto seja possível, é preciso uma ação docente comprometida com as múltiplas aprendizagens consolidadas através da leitura, ensejando aproximar cada vez mais o leitor iniciante do mundo letrado.

Souza (1992), afirma:

A leitura é basicamente o ato de perceber e atribuir significado através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sobre influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Esse entendimento configura a exigência de percepções variadas acerca das abordagens que a leitura proporciona no contexto da sala de aula. A compreensão em torno da leitura é o que desperta no leitor sua criticidade, quando percebe que o texto aborda algo próximo de sua vivência. O sujeito leitor consolida, na prática de sua leitura, o diálogo com o autor e nessa aproximação vivencia novas aprendizagens.

Dessa forma, é possível entender que na prática da leitura, o sujeito consegue aprofundar seu conhecimento na medida em que adentra no emaranhado de informações fornecidas pelo autor e nesse aspecto, busca no contexto de seus entendimentos, relações entre aquilo que lê e as informações que já tem de modo que são essas inferências que ressignificam o ato de ler como uma ação também de cunho cultural.

Assim, no ato da leitura há muitos aspectos implicados, razão que traz para o contexto da sala de aula, a necessidade de criar e recriar estratégias docentes que contemplem o uso da leitura em suas mais variadas opções, seja para deleite, para a busca de informações ou outra função.

Sobre esse aspecto, os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa (1998) afirmam:

Uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato. Diferentes objetivos exigem diferentes textos e, cada qual, por sua vez, exige uma modalidade de leitura. Há textos que podem ser lidos apenas por partes, buscando-se a informação necessária; outros precisam ser lidos exaustivamente e várias vezes. Há textos que se pode ler rapidamente, outros devem ser lidos devagar. Há leituras em que é necessário controlar atentamente a compreensão, voltando atrás para certificar-se do entendimento; outras em que se segue adiante sem dificuldade, entregue apenas ao prazer de ler. Há leituras que requerem um enorme esforço intelectual e, a despeito disso, se deseja ler sem parar; outras em que o esforço é mínimo e, mesmo assim, o desejo é deixá-las para depois. (BRASIL, 1998, p. 43).

São direcionamentos que evidenciam a multiplicidade de ações possíveis através do ato da leitura em si, apontando para a elaboração de estratégias favoráveis à prática de leitura dentro e fora da escola.

2.1.1 O letramento

A leitura é uma ação essencial para a vivência em sociedade porque tudo o que é dito ou compartilhado, seja através de textos orais ou escritos passa necessariamente pelo ato de ler. As mudanças sociais trazidas pelo advento das novas tecnologias evidenciaram ainda mais o valor da leitura nas sociedades atuais.

Assim sendo, as informações partilhadas exigem dos sujeitos leituras mais interligadas, inferências diversas numa conexão de sentidos que perpassa toda a estrutura cultural em que esses leitores estão inseridos.

Dentro dessa perspectiva, o letramento surge como uma prática situada para além da linguagem escrita, porque diz respeito à maneira como o texto é percebido e identificado do ambiente em que é lido, favorecendo trocas culturais.

O termo letramento surgiu diante das mudanças tecnológicas e sociais, definindo, assim, as múltiplas relações possíveis entre leitura e escrita na sociedade contemporânea.

Para Brito (2008):

Ser letrado' significa, acima de tudo, ser funcionalmente alfabetizado, isto é, ser capaz de usar da escrita para a realização das tarefas cotidianas características da sociedade urbano-industrial. Em outras palavras, o letramento, deste ponto de vista, se resume ao fato de o modo de produção supor um uso de escrita que permita aos indivíduos operar com as instruções de trabalho e normas de conduta e de vida.

Esse entendimento aponta para uma ressignificação das formas de perceber a leitura e a escrita nessa nova sociedade tecnológica, é preciso desenvolver métodos que possam dar conta dessa realidade, ampliando as habilidades de interpretação bem como as competências linguísticas.

Assim, no processo de letramento, o sujeito deve ter contato com diferentes materiais de leitura, sabendo identificar gêneros, bem como suas funções sociais em contextos diversos.

Segundo Magda Soares (1998):

Letramento é muito mais que simplesmente decifrar códigos, ele é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita.

Nesse sentido, a prática do letramento está intimamente ligada à emancipação social dos sujeitos, principalmente porque diz respeito ao empoderamento do sujeito perante à sociedade letrada, tendo condições de discutir, elaborar e refletir discursos nos mais variados contextos.

Dessa forma, para que o trabalho de letramento possa ser viabilizado, é imprescindível um conceito de leitura voltado para a prática social, um ensino que dê conta dos vários tipos de conhecimento linguísticos textual. Os conhecimentos de mundo dos sujeitos também precisam ser considerados nesse percurso de envolvimento com a leitura de maneira que as práticas sociais gerais e discursivas que favorece e ampliam o domínio dos textos.

É nesse sentido que Freire (1989, p. 11-12) trata especificamente sobre a relação direta entre o contexto do sujeito e o texto que lhe é apresentado como forma de estabelecimento de sentidos que contribuam para a ampliação da cidadania, através da leitura prática em que sejam encontrados sentidos entre o texto escrito e a vivência social.

Dessa forma, é preciso entender que o processo de aquisição da escrita e da leitura sob a ótica do letramento extrapola a alfabetização enquanto decodificação. Deve ser percebida como uma atividade que capacita os indivíduos para um processo contínuo de interação social, razão que ressignifica a prática docente no que se refere à busca de estratégias atuais de ensino.

O espaço da leitura no contexto do letramento está voltado para ações, valores, e procedimentos que consigam inserir o aluno no mundo letrado e fazê-lo interagir de forma consciente no uso de textos de acordo com ocasiões específicas.

De acordo com Soares (2003, p. 38): “(...) aprender a ler e a escrever e, além disso, fazer uso da leitura e da escrita, transformam o indivíduo e o levam a outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros”. É nesse sentido que o aluno letrado consegue fazer uso social da língua, percebendo as diferentes linguagens a seu entorno, se envolvendo de forma a desempenhar diferentes papéis nos contextos de comunicação.

Nesse contexto, Tedesco et al. (2017) mostra que:

Os eventos de letramento são acontecimentos sociais que têm como base a compreensão ou produção de um texto, individualmente ou coletivamente. As práticas de letramento têm uma amplitude maior do que o evento, pois possibilitam que esse tenha atribuição de sentido por estar relacionado a essas práticas e por elas sendo mediado. Sendo assim, sem as práticas de letramento, os eventos não possuem significado. Essas práticas de letramento são determinadas por características sócio históricas e, portanto, diferenciadas dependendo do período e do local em que se realizam e dos objetivos ao analisá-las.

Deste modo, é possível entender a escola como um relevante espaço onde ocorrem as práticas de letramento, mas não é a única agência, pois as diversas linguagens estão acessíveis em todos os lugares e à disposição dos sujeitos cotidianamente. O aluno pode vivenciar eventos de letramento no ambiente familiar, na rua onde mora, em casa e em diversos outros lugares.

Galvão (2004, p. 17) explica que esses eventos “são entendidos como qualquer ocasião em que um texto escrito faça parte da natureza das interações dos participantes e de seus processos interpretativos”.

Assim sendo, o processo de letramento não se dá somente na escola, mas é nela que o aluno precisa entendê-lo para que assim possa consolidar seu sistema de entendimentos acerca de sua língua. É no dia a dia da sala de aula que o trabalho com diferentes textos e linguagem se corporifica e traz para a realidade do educando novas formas de enxergar o mundo.

No entanto, para que tal consolidação do letramento se faça possível, é preciso que a escola se proponha a desenvolver o uso social da escrita, valorizando as práticas de letramento com base na bagagem cultural que o aluno traz para o meio escolar, pois é a partir daí que se torna possível atribuir sentido ao que é ensinado e aprendido.

Sobre esse aspecto, Freire (1996) afirma que o aluno precisa se relacionar com o mundo que o cerca, não apenas contratando o que ocorre, mas também intervindo como cidadão. Este entendimento reforça a ideia de letramento na medida em que ocasiona a reflexão em torno das formas como o uso social das linguagens favorece à compreensão das significâncias que a linguagem exerce na sociedade.

É uma maneira de construir diferentes práticas discursivas em que a formação do leitor contribua também para sua formação social e o letramento, quando desenvolvido sob essa perspectiva contribui para um percurso metodológico essencial na medida em que oportuniza diferentes entendimentos.

Sobre essa perspectiva, os Parâmetros Curriculares de língua portuguesa (1998) deixam claro que:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

Esses direcionamentos reforçam a ideia de letramento como um conjunto entre leitura e escrita baseados na relevância social que ambas desempenham na contemporaneidade, de modo que devem trazer para o aluno diferentes

possibilidades de interação e interação linguística, construindo espaços valiosos de produção e compreensão.

De fato, para que a leitura preencha todas as lacunas trazidas pelo leitor em formação, é preciso que estabeleça uma relação de sentido com sua realidade, consolidando um diálogo que se efetiva no contexto do dia a dia dos sujeitos. O professor desempenha um papel primordial nesse processo porque é o responsável por apresentar aos alunos essa multiplicidade de relações e usos sociais dos textos elo tão essencial no letramento.

Por essa razão, torna-se primordial reconhecer o letramento como uma ação de ensino para além da decodificação. Ele está voltado principalmente para as intenções sociais que as diferentes linguagens desenvolvem no dia a dia. É uma troca de informações que envolve percepções de mundo bem como vivências culturais e se torna essencial na formação social dos sujeitos.

3 O ESPAÇO DA LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR

A leitura enquanto prática social deve ser evidenciada na escola como uma ação cotidiana que apresente ao aluno variadas possibilidades de aprendizagem, razão que exige da prática docente uma incessante elaboração de estratégias que possam dar conta das necessidades que o leitor em formação traz para o contexto escolar, tais como o gosto por determinados gêneros textuais, a curiosidade e identificações de contextos que condizem com suas vivências e outras características que possam aproximar leitor do ato de ler.

Para Koch e Elias (2006, p. 12) existem três concepções de leitura: focada no autor, no texto e na interação autor-texto-leitor, esse entendimento, amplifica a relevância que o ato de ler tem no espaço da sala de aula porque traz para o professor diversas possibilidades de trabalho com o texto, estimulando um diálogo entre leitor e texto necessário à formação do hábito da leitura.

Compreendemos que para que o trabalho com a leitura ocorra de modo mais pertinente, é preciso que na sala de aula ocorra o trabalho com a diversidade de textos e, principalmente, a combinação entre eles num intenso ambiente de aprendizado que dê condições para que o aluno se descubra como leitor capaz de extrair dos textos que lê as informações de que precisa para seus objetivos.

É uma questão que envolve estratégias de ensino significativas em que a leitura seja evidenciada como uma prática prazerosa, valorizando o ato de ler para além dos fins didáticos. Sobre esse aspecto, torna-se importante perceber o que dizem os Parâmetros curriculares Nacionais sobre o tratamento didático a ser dado ao trabalho de formação do leitor.

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes. (BRASIL, 1998, p. 41-42).

Dentro dessa perspectiva, o tratamento dado ao hábito de ler deve superar a visão da leitura como decodificação, sobretudo para que não se pretenda formar um leitor que lê, mas não seja capaz de entender o que leu. Para que a leitura tenha sentido para o aluno, é preciso que ocorram as aproximações de sentido, as inferências, as relações entre sua respectiva vivência e o texto que tem em suas mãos. É a escola quem pode proporcionar esse encontro na medida em que cria condições de usos e momentos de interação, em que o ato de ler seja prazeroso e dinâmico.

É preciso agir como se o aluno já soubesse aquilo que deve aprender. Entre a condição de destinatário de textos escritos e a falta de habilidade temporária para ler autonomamente é que reside a possibilidade de, com a ajuda dos já leitores, aprender a ler pela prática da leitura. Trata-se de uma situação na qual é necessário que o aluno ponha em jogo tudo que sabe para descobrir o que não sabe, portanto, uma situação de aprendizagem. Essa circunstância requer do aluno uma atividade reflexiva que, por sua vez, favorece a evolução de suas estratégias de resolução das questões apresentadas pelos textos. (BRASIL, 1998, p. 42).

É através dessa reflexão, proporcionada pelo contato com vários textos, que o aluno se torna capaz de entender a leitura como um lugar de aprendizagem e nesse sentido, a escola desempenha um papel essencial nas descobertas leitor/texto na medida em que gera as condições de ensino em que a leitura possa ocupar os

espaços sociais. Trata-se de incentivos diários feito pelo professor, o qual deve garantir a presença constante de textos no espaço da sala de aula.

Souza (1997) afirma que a leitura é o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias de interação que ocorrem, fator que traz para os primeiros anos escolares a necessidade de perceber o lugar da sala de aula como um o espaço decisivo para a formação do leitor.

É preciso que o professor se comprometa a desenvolver uma prática inovadora, tornando como objetivos prioritários, a preparação de alunos ativos no processo de desenvolvimento da aprendizagem através de aulas dinâmicas que despertem no aluno o desejo de ler.

Para isso, torna-se fundamental que a presença da leitura na sala de aula parta de uma realidade dinâmica com momentos lúdicos em que os alunos sintam gosto pela leitura de forma a desenvolver o hábito de ler e que essa leitura ultrapasse os muros da escola.

Sobre esse aspecto, Oliveira e Queiroz (2009) enaltecem:

(...) entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade.

É no trabalho diário que a leitura flui para o leitor em formação na medida em que o contato com variados textos possibilita a aproximação entre os sentidos sociais dos textos que circulam cotidianamente na vivência dos sujeitos. Nas atividades significativas em que o aluno pode ter contato com a multiplicidade de textos, reconhecendo estruturas e modos sociais de usá-los é possível entender que o uso da leitura se configura como uma ação necessária e dinâmica. A escolha de textos que estejam em consonância com a vivência dos sujeitos, traz para o contexto da turma a ideia de que ler é uma atividade boa e esse aspecto aponta para o desenvolvimento de práticas que evidenciem a leitura como uma ação corriqueira, mas de extrema relevância para a formação social.

A oferta de textos próximos aos contextos sociais do aluno contribui para criar uma sintonia entre leitor e obra, estimulando, assim, uma identificação capaz de

marcar os momentos de leitura, iniciando aí aproximações que servirão para definir futuramente os gostos literários dos alunos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de língua portuguesa (Brasil, 1998), a formação de leitores é um ato que requer condições favoráveis para a prática de leitura não se restringindo apenas a recursos materiais disponíveis nas unidades de ensino. Está voltada à forma de uso de tais materiais e, por esse motivo, a presença de biblioteca na instituição é uma realidade indispensável para a iniciação do ato de ler, assim como a existência de pequenos acervos dentro das salas de aula, além de outros materiais de leitura que possam favorecer o contato com a linguagem escrita.

São diversas as estratégias de leitura a serem executadas sobretudo aquelas que garantam momentos em que os alunos se sintam à vontade para manusear livros, realizar diferentes leituras a seu modo, bem como serem questionados acerca do que leem e reescrever outros possíveis finais.

Nesse sentido, o trabalho com a leitura deve ser diário, o professor precisa ter, em sua pauta de ensino, uma política de formação de leitores a partir da realidade de sua sala de aula, pois é ele quem conhece de perto a realidade dos alunos.

4 A FORMAÇÃO DO LEITOR

Despertar a vontade de ler é um grande desafio, sobretudo porque a leitura é um diálogo que se estabelece entre leitor e texto, reforçando aproximações que podem ser efetivadas quando há interação e empatia entre o que é lido e as necessidades de quem realiza a leitura, ainda de que forma principiante.

A leitura, entendida como um processo de formação do indivíduo, deve ser apresentada ao aluno de forma que possa ser percebida como um caminho viável à informação, por essa razão, é preciso haver metodologias claras e dinâmicas em torno do contato com os livros.

Para Vargas (1993), ler é uma forma de estabelecer cada vez mais relações com os objetos de modo que é através da leitura que se processa o conhecimento e quanto mais relações se estabelece com o texto, mais aprendizagens são possibilitadas.

É nesse contexto que a formação do leitor deve ser priorizada pela escola através de contextos escolares que proporcionem uma interação dinâmica com as várias modalidades de textos que circulam socialmente, possibilitando um contato que consiga dar conta das necessidades educacionais dos sujeitos, sempre em busca da formação cidadã.

Nesse sentido, a escola precisa ser ciente da sua relevância nesse processo, buscando desenvolver junto ao corpo docente, políticas de ensino que valorizem a leitura em suas variadas funções. É um desafio que traz para o cotidiano escolar a necessidade de se desprender de práticas engessadas que cobram do leitor em formação atividades muitas vezes descontextualizadas o que pode culminar com a desmotivação por parte do aluno.

Para Abramovich (1994):

(...) leitura é paixão, é entrega, tem que ser feita com tesão, com ímpeto, com garra. De quem lê de quem indica. Com trocas saboreadas e não com perguntas fechadas sem espaço para opinião própria, pensada, sentida, vivida. Senão, é só obrigação. E aí como tudo o mais na vida, não vale a pena.

Partindo dessa ideia, é possível entender que o processo de formação do leitor passa, obrigatoriamente, pela revisão de práticas pedagógicas que contemplem um ensino dinâmico em que a leitura ocupe os variados espaços e se apresente ao aluno como uma prática interativa e prazerosa dotada de significado. Para tanto, é preciso que os textos trabalhados atendam a determinados propósitos comunicativos e atendam as expectativas do aluno.

Dentro desse aspecto, Silva (2011, p. 3) expõe que “a leitura é um ato construído socialmente, que se desencadeia e se amplia no convívio com outros e com o mundo de forma que a leitura de mundo se faz de acordo com as experiências sociais do sujeito leitor”. Tal entendimento reforça a ideia de que no processo de formação do leitor importa muito as considerações que o professor tece a respeito do nível de sua turma, principalmente porque introduzir textos comuns à vivência dos alunos faz muita diferença na construção das práticas de contato e identificação desses alunos com os textos escritos.

Com o aperfeiçoamento da leitura, as vivências didáticas criadas e desenvolvidas com ludicidade, é possível formar leitores críticos já na alfabetização, desde que as metodologias consigam dar conta da inserção do legado escrito, respeitando o nível e o desenvolvimento dos alunos.

Dentro desse contexto, o processo de formação de leitores a ser desenvolvido na escola demanda muita atenção às metodologias utilizadas, principalmente nas primeiras séries. É preciso que ocorra um contato com os textos para a partir dele, serem trabalhados outros aspectos linguísticos. Tal aspecto é de extrema relevância porque os leitores iniciantes são ativos e, através de seus conhecimentos prévios, contribuem para o enriquecimento dos sentidos textuais.

Aguiar (1996) enaltece:

A leitura, embora ação corriqueira nos dias de hoje, sobretudo nas regiões urbanas, não é natural. Não lemos comemos, respiramos ou dormimos. Para tanto, precisamos aprender o código escrito, socialmente aceito e a ter domínio sobre ele em todas as suas modalidades, quer práticas (como propagandas, receitas, notícias, informações, anotações) quer estéticas (como narrativas e poemas) (AGUIAR, 1996, p. 16).

Esse aspecto aponta para o entendimento de uma ação alfabetizadora que contemple a variedade de textos que circulam socialmente, aproximando o sujeito das possíveis reflexões em torno das funções que esses textos escritos exercem na sociedade.

A leitura é uma prática social pela qual o indivíduo toma contato com a produção de sentidos e assim consegue dar conta da dimensão simbólica em torno da relevância que o ato de ler representa na contemporaneidade. É uma construção cidadã que representa infinitas possibilidades de ascensão, razão que amplifica a responsabilidade docente, sobretudo no que tange à formação de leitores críticos e conscientes de seu papel enquanto cidadãos.

Para Koch e Elias (2008), todo conhecimento que o leitor possa ter, encontra-se armazenado na memória e esta, por sua vez, organiza-o de forma a gerar a confluência das inúmeras informações que este leitor agrega para si após sua rotina como praticante de leitura, razão que torna impreterível ao processo de formação do leitor, um trabalho produtivo em que possa ocorrer a identificação entre leitor/texto de forma a contribuir para uma relação harmônica.

É assim que a escola deve atuar quando se propõe a desenvolver um ensino significativo. A leitura é uma prática que deve acompanhar toda a vida escolar do aluno e por esse motivo deve se dar de forma agradável, sem cobranças nem práticas descontextualizadas. É através de uma ação docente dinâmica e bem fundamentada que a formação do hábito de ler encontra sentido para o aluno.

4.1 O papel do professor no estímulo à leitura

A escola, enquanto lugar de formação cidadã, congrega vários objetivos no processo de construção de uma sociedade mais justa em que os indivíduos arregimentem, ao longo da vida escolar, conhecimentos necessários a uma atuação efetiva nas questões sociais.

Dentro desse aspecto, a leitura surge como uma prática essencial a esse processo, na medida em que garante ao sujeito leitor, o acesso às mais variadas informações assim como sua formação político-social, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes reflexivas.

Para que essa prática se efetive, é preciso uma ação docente comprometida e consciente de seu papel social, na elaboração de estratégias que consigam dar conta das demandas trazidas pelos alunos para o contexto escolar, uma vez que a sociedade contemporânea é cada vez mais letrada e as informações circulam com demasiada rapidez.

Dessa forma, trabalhar a leitura requer do professor, antes de tudo, sensibilidade para entender que o contato com os textos deve se dar de maneira agradável para que assim ocorra uma aproximação prazerosa e o sujeito leitor se sinta motivado a adentrar no mundo encantado das letras, só depois dessa identificação, torna-se possível iniciar a leitura crítica.

Segundo Orlandi (1995), o sujeito leitor é quem se torna produtor da interpretação do texto uma vez que se coloca como contemporâneo a ele, produzindo leitura e sentidos além de garantir a eficácia desses textos ao organizar as informações de acordo com seu conhecimento. É uma questão de originalidade, pois cada sujeito compreende o texto da sua forma, realidade que aumenta a responsabilidade docente ao trabalhar com esses sujeitos e as infinitas leituras de mundo.

Este aspecto materializa um sentido político presente na formação do leitor e que traz para o contexto docente a necessidade de ressignificar constantemente sua prática e os modos de atuação que a leitura deve representar em sua sala de aula. Nesse contexto, Lajolo (1996) afirma:

A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – desempenham o papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais

da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra àquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere.

É nesse sentido, que o papel do professor no desenvolvimento da prática da leitura deve se concentrar em possibilitar a aproximação das leituras de mundo e de texto para que o processo de letramento atinja o sucesso esperado e os alunos consigam se tornar cidadãos críticos.

Para Solé (2003), quando são realizadas a compreensão e interpretação da narrativa, o sujeito se torna capaz de adentrar no texto, permitindo-se avançar, esclarecer e validar suposições. É nesse sentido que o mesmo leitor desenvolve a criticidade para processar, criticar, contradizer e avaliar as informações que chegam através do texto, consolidando o significado obtido.

Assim, é possível entender que o professor precisa ser também um leitor, acompanhando o processo de conhecimento e buscando leituras com um olhar crítico a fim de apresentar a seus alunos um repertório de textos motivadores em que ocorra identificação e imersão dos sujeitos para se ter, de fato, uma função social do ato de ler, nesse sentido expõe Geraldi (2006, p. 92) “na leitura, o diálogo do aluno é com o texto. O professor, mera testemunha desse diálogo, é também leitor, e sua leitura é uma das leituras possíveis”

Nesse caso, o professor deve caminhar junto com o aluno, sendo também um “descobridor” de mundos nos textos que traz para seus alunos. É assim que ocorre o estreitamento dos laços e a relação docente/aluno influencia o processo de formação pelo prazer de ler. É dentro desse contexto que se torna possível ao sujeito, perceber a relevância social da leitura.

Através de práticas que consigam abranger esse diálogo professor/aluno/texto, torna-se possível aplicar estratégias que tenham êxito na formação do hábito de ler, sobretudo se o docente conseguir se ver como parte desse processo e for consciente de sua relevância no contexto da sala de aula e também fora dele.

A elaboração de situações significativas e reais de leitura aparece, nessa realidade, como uma ação relevante em que o aluno consiga entender a presença de elementos textuais condizentes com suas percepções e a presença docente, neste caso, torna-se impreterível, pois conforme coloca Lerner (2002, p. 75), “o essencial é (...) fazer da escola um âmbito propício para a leitura, abrindo todas as

portas dos mundos possíveis para inaugurar um caminho em que todos possam percorrer para chegar a ser cidadãos da cultura escrita”.

Assim, o trabalho com diferentes gêneros textuais se torna uma estratégia pedagógica importantíssima porque aproxima o aluno da pluralidade linguística presente no mundo letrado sendo o professor, nesse caso, a peça fundamental pela seleção e apresentação desses textos ao criar condições de leitura de modo que os alunos possam refletir e buscar alternativas para suas próprias leituras de mundo.

Para Antunes (2001, p. 12):

[...] caberia ao professor um papel radicalmente diferente do que anteriormente exercia: de agente transformador de informações em selecionador dessas informações, seu decodificador, mostrando como descobri-las e selecioná-las e de que maneira as transformar em saberes. (ANTUNES, 2001, p.12).

Nesse sentido, o professor surge como um mediador do conhecimento, favorecendo situações de leitura ao oferecer diferentes materiais aos alunos, na forma como apresenta os textos e os lê para turma, como organiza esses momentos e interage com todos os sujeitos.

É uma confluência de ações que evidenciam ainda mais a importância que o docente tem no desenvolvimento da leitura, sobretudo porque é ele quem está em contato direto com os sujeitos e essa situação é primordial para o estabelecimento da confiança, realidade essencial ao sucesso do processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, o papel do professor na formação do leitor se concentra, essencialmente, nas oportunidades de ensino e de leitura que consegue criar nos contextos de sua sala de aula, valorizando os conhecimentos de mundo de seus alunos, para que a partir daí, seja viável dialogar com mais intensidade com textos e realidades desses indivíduos.

Para Silva (1998) a ação docente necessita tornar frequente a reflexão em torno dos processos de ensino aprendizagem que envolva a leitura principalmente porque é nessa ação, através de atividades e momentos significativos que o ato de ler fará sentido para o leitor, levando-o a refletir sobre sua leitura e o fazendo se sentir participante de sua aprendizagem.

Portanto, é preciso que o ato de ler seja desenvolvido de maneira agradável e eficaz, para que assim haja uma aproximação prazerosa pela descoberta do mundo

encantado da leitura, sendo possível tornar-se um leitor crítico. Nesse sentido, o papel do professor é essencial no progresso da prática da leitura, pois deve-se concentrar-se em possibilidades de aproximação das leituras de mundo e de texto, fazendo com que o sujeito comece a ler o mundo de uma outra forma que vai além da disciplina de português.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou trazer reflexões sobre o papel do professor no tocante ao trabalho com a leitura, entendendo que ele assume papel primordial nesse processo.

Através das reflexões em torno de autores como Kleiman (2004), Silva (2011), Koch e Elias (2008) e Freire (2000), foi possível entender que a leitura deve ser percebida como uma prática social de modo que à escola proporcione um contato contínuo para que assim o leitor possa compreender a importância da leitura nos mais variados contextos sociais.

Nesse sentido, importa ao professor, o desenvolvimento de metodologias que deem conta da demanda existente na sua sala de aula, trazendo para seu contexto, textos diversos para que o aluno tome contato com a riqueza textual e assim possa ver, nos textos que lê, aproximação com suas vivências, desenvolvendo um hábito efetivo de leitura.

A escola tem um papel importante sobretudo porque muitas vezes é somente no espaço escolar que os alunos têm contato com a leitura de modo mais efetivo, sendo a escola juntamente com a equipe docente os principais mediadores para a aquisição do processo de leitura com vistas a formação do leitor. Buscando na

estrutura escolar um bom acervo e outros ambientes em que a leitura circule de forma significativa.

Deste modo, o professor em sala de aula é considerado o principal responsável pelo desenvolvimento de práticas de leitura inovadoras e eficazes, diante da realidade na qual a sociedade encontra-se, pois a prática de metodologias engessadas não atinge sua finalidade, de formar um sujeito leitor assíduo, mais crítico e consciente. Então é preciso que o professor seja um leitor efetivo e expresse para os alunos que a prática contínua da leitura é capaz de formar bons leitores.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Apud Prado, Jason e Condini, Paulo. **A formação do sujeito como leitor**: Pontos de vistas. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

AGUIAR, Vanda T. **O leitor competente à luz da teoria da literatura**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 124, v. 5/6, p.23-34, jan./mar. 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1998.

BRITTO, Luiz Percival Leme. In: CORREIA, D. A.; SALEH, P. B. de O. (orgs), **Práticas de letramento no ensino**: leitura, escrita e discurso. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- GALVÃO, Ana Maria Oliveira. Leitura: algo que se transmite entre as gerações? In RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF. 2ª Ed. São Paulo: Global, 2004.
- GERALDI, J. Wanderley. **O texto na sua sala de aula**. 4ª ed., São Paulo: Ática, 2006.
- KLEIMAN Ângela. **Oficina de leitura**. São Paulo: Editora Pontes, 2004.
- KOCH, I. G. V.; Elias, V. M. (2006). **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto.
- LAJOLO, Marisa. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- LAJOLO, M. **Do Mundo da Leitura para o Leitor do Mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula**: a formação de leitores proficientes. RN, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em 10 /01/ 2019.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- SILVA, Ezequiel Theodoro. **De olhos abertos**. Rio de Janeiro: Ática, 2001.
- SILVA, Ezequiel Teodoro. **Elementos da pedagogia da leitura**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SOARES, Magda, **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2002.
- SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SOLÉ, Isabel. **Ler, leitura, compreensão**: “sempre falamos da mesma coisa?” Porto Alegre: Artmed, 2003.
- SOUZA, R. J. de. **Narrativas infantis**: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Baurá: UFC, 1992.
- TEDESCO, M. Anderson. *et al.*. **Práticas de letramento na família**: possibilidades para ação docente. In: Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 11, n. 20, p. 219-232, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.esforce.org.br> Acesso em 28/01/2019.
- VARGAS, Suzana. **Leitura**: Uma aprendizagem de prazer. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.